



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

MARIA ORLEANY PINTO HONÓRIO

A CONSTRUÇÃO DA FORMAÇÃO DOCENTE: UMA ABORDAGEM ATRAVÉS DO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA

FORTALEZA - CEARÁ

2023

MARIA ORLEANY PINTO HONÓRIO

A CONSTRUÇÃO DA FORMAÇÃO DOCENTE: UMA ABORDAGEM ATRAVÉS DO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA

Trabalho apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante.

FORTALEZA - CEARÁ

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

H749c Honorio, Maria Orleany Pinto.
A construção da formação docente : uma abordagem através do estágio supervisionado em Geografia /
Maria Orleany Pinto Honorio. – 2023.
34 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências,
Curso de Geografia, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante.

1. Educação. 2. Estágio supervisionado. 3. Prática docente. I. Título.

CDD 910

MARIA ORLEANY PINTO HONÓRIO

A CONSTRUÇÃO DA FORMAÇÃO DOCENTE: UMA ABORDAGEM ATRAVÉS DO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA

Trabalho apresentado ao Departamento de
Geografia da Universidade Federal do Ceará,
como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura Plena em Geografia.

Aprovada em: 06 de dezembro de 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Me. Francisco Oricélio da Silva Brindeiro
Professor da Rede Municipal

Prof. Mestranda Débora Raquel Cavalcante Figueiredo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante, pela orientação, pela grande paciência e amizade de sempre.

Aos professores participantes da banca examinadora Francisco Oricélio da Silva Brindeiro e Débora Raquel Cavalcante Figueiredo pelo tempo, pelas colaborações e sugestões.

Aos meus pais e irmãos, pela compreensão e incentivo que tiveram para comigo. Um agradecimento especial aos meus amigos Emerson Rodrigues Lima e ao José Marcelo Vasconcelos Júnior, pessoas incríveis que me ajudaram nessa caminhada acadêmica.

“Fui andando... Meus passos não eram para chegar porque não havia chegada. Nem desejos de ficar parado no meio do caminho. Fui andando... (MANOEL DE BARROS. 1947, p. 50).

RESUMO

Este trabalho investigou os desafios e oportunidades no ensino de Geografia, analisando estágios supervisionados em escolas de distintos contextos socioeconômicos: Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Lima Soares, Escola Quality, Escola EMTI Professor Joaquim Francisco de Sousa Filho e EEM Elizer de Freitas Guimarães. A pesquisa, de abordagem qualitativa, além de levantamento bibliográfico incorpora observações participantes, entrevistas e análise documental. O estágio na Escola Manoel Lima Soares revelou desafios estruturais, como falta de investimentos e projetos de Educação Ambiental, bem como uma abordagem mais integrada é essencial nesse contexto para o êxito no ensino de Geografia. Na Escola Quality, focada na inclusão de alunos com deficiência visual, destaca-se a importância da cartografia tátil. Apesar de práticas inclusivas, a falta de estrutura adequada em muitas escolas públicas brasileiras representa um desafio significativo para o ensino inclusivo. O estágio na Escola EMTI Professor Joaquim Francisco de Sousa Filho, durante a pandemia, ressalta a adaptação ao ensino remoto e os desafios da inclusão digital. A infraestrutura precária emerge como um obstáculo significativo para a continuidade do ensino durante o período emergencial. Na EEM Elizer de Freitas Guimarães, pós-pandemia, observa-se a adaptação dos alunos ao ensino remoto, desafiando a escola a proporcionar um retorno presencial sensível às novas demandas e dificuldades encontradas. Este estudo contribui para a reflexão sobre práticas pedagógicas em Geografia, destacando a necessidade de abordagens mais efetivas e inclusivas. A análise busca inspirar melhorias na formação docente, promovendo uma educação geográfica mais significativa e contextualizada.

Palavras-chave: educação; estágio supervisionado; prática docente.

ABSTRACT

This article investigates the challenges and opportunities in teaching Geography, analyzing supervised internships in schools with different socioeconomic contexts: Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Lima Soares, Escola Quality, Escola EMTI Professor Joaquim Francisco de Sousa Filho and EEM Elizer de Freitas Guimarães. The research, with a qualitative approach, in addition to a bibliographic survey, incorporates participant observations, interviews and documentary analysis. The internship at Escola Manoel Lima Soares revealed structural challenges, such as a lack of investment and Environmental Education projects, as well as the fact that a more integrated approach is essential in this context for successful Geography teaching. At Escola Quality, focused on the inclusion of students with visual impairments, the importance of tactile cartography is highlighted. Despite inclusive practices, the lack of adequate structure in many Brazilian public schools represents a significant challenge for inclusive teaching. The internship at Escola EMTI Professor Joaquim Francisco de Sousa Filho, during the pandemic, highlights the adaptation to remote teaching and the challenges of digital inclusion. Precarious infrastructure emerges as a significant obstacle to the continuity of education during the emergency period. At EEM Elizer de Freitas Guimarães, post-pandemic, students are adapting to remote learning, challenging the school to provide an in-person return that is sensitive to the new demands and difficulties encountered. This study contributes to reflection on pedagogical practices in Geography, highlighting the need for more effective and inclusive approaches. The analysis seeks to inspire improvements in teacher training, promoting a more meaningful and contextualized geographic education.

Keywords: education; teaching geography; teaching practice.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NBR	Norma Brasileira Regulamentar
PUCPR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
SIBI	Sistema Integrado de Bibliotecas
trad.	Tradutor

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REFERENCIAL TEORICO	12
2.1	Uma breve abordagem do Ensino de Geografia	12
2.2	O Papel do Estágio Supervisionado na Construção do Professor de Geografia	13
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
3.1	Levantamento Bibliográfico	15
3.2	Análise das Disciplinas de Estágio Supervisionado	15
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	17
4.1	Estágio Supervisionado I	17
4.2	Estágio Supervisionado II	20
4.2.1	<i>A Professora</i>	23
4.3	Estágio Supervisionado III	25
4.4	Estágio Supervisionado IV	29
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

A experiência do estágio é notória na formação do universitário enquanto preparação para docência, considerando que cada vez mais são requisitados profissionais que saibam trabalhar com a realidade escolar e exercer habilidades que demonstrem todo preparo para ensino dos alunos. A cadeira de Estágio Supervisionado torna-se importante para preparação de professores capacitados, que já estejam preparados ao espaço escola, visto que a experiência e a vivência são os melhores capacitores para conseguir profissionais prontos para a realidade escolar.

Esta trabalho aborda o Estágio Supervisionado realizado durante o curso de Geografia, em quatro instituições de ensino com contextos socioeconômicos distintos: a Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Lima Soares, a Escola Quality, Escola EMTI Professor Joaquim Francisco de Sousa Filho e por último a EEM Elizer de Freitas Guimarães. A pesquisa abrange 4 semestres e se propõe a analisar e refletir sobre o ensino de Geografia e a prática docente, orientada por objetivos específicos e uma abordagem crítica.

No primeiro estágio, na Escola Municipal Manoel Lima Soares, o foco foi compreender a interligação entre o ensino de geografia e a Educação Ambiental, explorando as dificuldades presentes na educação pública brasileira. A pesquisa buscou entender o panorama estrutural, pedagógico e administrativo da escola, identificando potencialidades e limitações do espaço físico e compreendendo a importância da Educação Ambiental na perspectiva dos estudantes e do corpo docente de Geografia.

A escolha dessa instituição, localizada na periferia de uma grande cidade, reflete a curiosidade em investigar como uma escola pública enfrenta desafios relacionados a questões ambientais.

No segundo estágio, na Escola Quality, o enfoque se voltou para a educação inclusiva, com ênfase na deficiência visual, utilizando a cartografia tátil como instrumento pedagógico. A pesquisa buscou avaliar se a escola proporciona um ambiente inclusivo, se a metodologia de ensino do docente de Geografia é eficaz nesse contexto e se a cartografia tátil é uma ferramenta relevante para a inclusão.

A inclusão no ensino, especialmente para alunos com deficiência, é um desafio relevante. A falta de estrutura adequada em muitas escolas públicas brasileiras dificulta o desenvolvimento do ensino inclusivo. A pesquisa ressaltou a importância da cartografia tátil na compreensão do espaço geográfico por parte de alunos com deficiência visual.

No terceiro estágio, na Escola EMTI Professor Joaquim Francisco de Sousa Filho, o contexto da pandemia da COVID-19 foi um elemento adicional de análise. A adaptação ao ensino remoto emergencial e a reflexão sobre as dificuldades de acesso digital evidenciaram a precariedade da inclusão digital, um desafio que vai além da estrutura física da escola.

O quarto estágio, na EEM Elizer de Freitas Guimarães, proporcionou a experiência de retornar à escola onde a autora estudou no ensino médio. A dinâmica pós-pandemia revelou alunos adaptados ao ensino remoto, desafiando a escola a promover um retorno presencial que respeite as novas demandas e dificuldades encontradas. Trazendo também uma reflexão sobre as tecnologias da informação e como esta pode ser uma ferramenta para ajudar no ensino aprendizagem dos alunos, a gamificação e ainda sobre a importância da formação continuada dos professores.

Este trabalho não se restringe a uma descrição das experiências de estágio, mas busca, sobretudo, refletir sobre as práticas pedagógicas, os desafios enfrentados nas escolas públicas brasileiras e as possibilidades de inovação para a construção de um ensino mais inclusivo, contextualizado e reflexivo. A análise crítica dessas experiências visa contribuir para o aprimoramento contínuo da formação docente e para a construção de uma educação mais efetiva e igualitária.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Uma breve abordagem do Ensino de Geografia

Em décadas passadas, segundo Buitoni (2010), o ensino de geografia se resumia a aulas teóricas, de forma rigorosa, disciplinar e sem participação. Os docentes costumavam transmitir conteúdos programados e extensos aos alunos, priorizando os estudos da geografia física, no antigo ginásio, hoje Ensino Fundamental II.

Além dessa falta de participação, ainda não se tinha um direcionamento para conteúdo de características sociais, culturais ou econômicos, tornando o conhecimento mais memorativo de assuntos específicos da natureza.

De acordo com Callai (2010), a Geografia Escolar desempenha um papel crucial ao possibilitar que os estudantes e professores observem o mundo para compreender a própria história e interpretar o mundo que os cerca. O interesse na disciplina reside na conexão entre os problemas locais e as demandas globais, buscando assimilar o lugar específico de cada aluno em uma escala social de análise, tendo como contraponto principal o contexto global (p. 22). Dessa forma, a Geografia Escolar não apenas contextualiza o conhecimento geográfico, mas também estimula uma compreensão mais ampla das interações entre o local e o global no contexto da vida cotidiana e das questões sociais.

É importante ressaltar o papel transformador da educação, principalmente no período atual, onde presenciamos os males do capitalismo se concentrando na maior parte da população. Em um mundo com fortes desigualdades e contradições, a Geografia vem renovando-se como uma luz de criticidade e instrumento de transformação na sociedade (MOREIRA, 1988).

Nessa perspectiva, Straforini (2004) aponta que a Educação só tenderá ser transformadora quando der conta das situações presentes, pois o que acontece é que as metodologias e os conceitos teóricos que ainda se utilizam foram elaborados para esclarecer o passado e isso mostra o maior desafio nos dias atuais, essa contradição, realidade e base teórica.

Straforini (2004) acrescenta que o ensino de Geografia é importante para acompanharmos as transformações atuais no mundo, principalmente com a globalização que tem acelerado essas mudanças no nosso século. Por isso, é de grande relevância o professor esclarecer aos seus alunos para que se ensine e porque é importante aprender esta disciplina.

2.2 O Papel do Estágio Supervisionado na Construção do Professor de Geografia

O estágio supervisionado é uma atividade direcionada para os estudantes de graduação para se ter a experiência prática dos conteúdos teóricos estudados durante o curso, é a oportunidade para se trabalhar a teoria e a prática. Através da disciplina de estágio, que adquirimos aptidão e capacitação, com a ajuda de um professor supervisor atuante na área.

De acordo com a lei n 11.788/2008 no artigo 1º diz: "Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos."

Conforme os incisos 1 e 2, ainda da lei n 11.788/2008 o estágio faz parte do projeto pedagógico do curso e visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho (Brasil, 2008b).

Documentadamente, a concepção de Estágio Supervisionado apareceu no País por meio da Lei Orgânica do Ensino Normal, decretada no ano de 1946, definindo um currículo único para todos os Estados. Entretanto, os Estados tinham autonomia para fragmentar ou ampliar seu currículo.

A disciplina de estágio curricular supervisionado nos cursos de licenciatura é obrigatória, e só foi possível por causa das articulações realizadas para valorizar as pesquisas nos estágios, com o objetivo de observar, analisar e problematizar as práticas pedagógicas. Sobre a pesquisa no estágio:

A pesquisa no estágio como método de formação de futuros professores, se traduz, de um lado, na mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam; por outro, e em especial, se traduz na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam (PIMENTA; LIMA, 2009, p. 46).

Nesse sentido, o professor precisa manter uma atividade intelectual e prática, tendo um processo investigativo em sua atuação docente para que seus conteúdos sejam construções teóricas fundamentadas, ultrapassando a visão de simples transmissão. Em relação à atividade prática do professor é importante acrescentar:

Sua prática pedagógica requer de si reflexão, crítica e constante criação e recriação do conhecimento e das metodologias de ensino, o que pressupõe uma atividade de investigação permanente que necessita ser aprendida e valorizada (PONTUSCHKA, PAGANELLI; CACETE 2007, p. 95).

Atualmente, as atividades do Estágio Curricular de formação de professores devem totalizar 400 horas ao longo dos dois últimos anos da licenciatura. Seu momento de realização deve priorizar a reflexão encaminhada coletivamente e abordar tanto o conhecimento disciplinar quanto o conhecimento pedagógico-didático.

Em décadas passadas, o ensino de geografia se resumia a aulas teóricas, de forma rigorosa, disciplinar e sem participação. Os docentes costumavam transmitir conteúdos programados e extensos aos alunos, priorizando os estudos da geografia física, no antigo ginásio, hoje Ensino Fundamental II. Sobre o papel do docente, é importante lembrar as palavras de FREIRE (2009, p. 28):

A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante.

O professor deve estar sempre atento as mudanças ocorridas no mundo, e acompanhar as evoluções em nossa tecnologias, renovando as suas práticas pedagógicas e se capacitando para agregar mais conhecimento e formas de ensinar que ajude o professor a perceber as deficiências dos discentes.

O currículo deve ser capaz de desenvolver estruturas de pensamento sistemáticas que possa proporcionar aos grupos sociais menos favorecidos uma compreensão do mundo em que estão inseridos. E então nos esbarramos com um enorme problema para os docentes, levando em consideração que a educação brasileira tem em sua gênese uma perspectiva de fragmentação herdada da sociedade industrial, voltada para atender sobretudo as massas de trabalhadores.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa em questão trata-se de um relato de experiência, bem como uma análise acerca dos resultados obtidos através da disciplina de Estágio Supervisionado. O percurso metodológico da pesquisa se deu através de levantamento bibliográfico, questionário aplicado na disciplina de estágio I, e análise das 4 disciplinas de estágio realizadas, através dos relatórios e portfólios desenvolvidos durante as disciplinas.

3.1 Levantamento Bibliográfico

O levantamento bibliográfico é de fundamental importância no desenvolvimento de qualquer trabalho científico, sendo essencial compreender os aspectos teóricos do tema desenvolvido na pesquisa e analisar os trabalhos que já foram desenvolvidos acerca dos temas abordados. Na presente pesquisa abordou-se: O Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado.

3.2 Análise das Disciplinas de Estágio Supervisionado

A análise foi realizada observando cada aspecto normativo de cada estágio. Segundo o Projeto Pedagógico de Curso - Geografia – Licenciatura, o Estágio Curricular Supervisionado em Geografia, deve ser realizado a partir da segunda metade do curso, cumprindo um total de 400 horas, é obrigatório e pode acontecer tanto na rede de ensino público estadual, municipal como também na rede particular da Educação Básica, preparando o futuro professor uma inserção em seu espaço profissional para o exercício da atividade docente.

Para o cumprimento dessa carga horária são previstas atividades pedagógicas de caráter teórico-prático, sendo eles:

- a) Estágio Curricular Supervisionado em Geografia I é realizado no Ensino Fundamental, com um total de 48 horas, dessas horas 32h são de orientação.
- b) O Estágio Curricular Supervisionado em Geografia II é voltado para a Educação Especial, constituindo 64 horas, sendo 48h de orientação.
- c) Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III deve ser realizado no Ensino Fundamental II, com 144 horas e 64h de orientação.
- d) E por último o Estágio Curricular Supervisionado em Geografia IV é desempenhado no Ensino Médio, feito também com 144 horas, e 64h de orientação.

Após a finalização do estágio nas escolas, tem-se a realização de um trabalho final que pode ser um relatório de estágio, portfólio como foi o caso do IV estágio, ou conforme a orientação do professor. E para encerrar a disciplina, é realizada a apresentação dos resultados de todos os discentes, apresentando tudo que aprenderam e produziram ao longo de todo o processo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Estágio Supervisionado I

O estágio supervisionado 1 foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Lima Soares, no primeiro semestre de 2019. O objetivo da pesquisa buscou compreender o contexto do ensino de geografia e sua relação com a Educação Ambiental diante da realidade da Escola, considerando as várias dificuldades existentes na educação pública brasileira e os desafios existentes na prática docente. Para se chegar no objetivo principal, foram definidos alguns objetivos específicos, sendo eles: Entender o contexto estrutural pedagógico e administrativo da escola; Identificar as potencialidades e limitações do espaço físico escolar; Compreender a importância da educação ambiental através da visão dos estudantes e do corpo docente de Geografia.

O espaço escolar é um local de socialização do ser humano em conjunto com a construção da sua própria identidade. Segundo Libâneo et al. (2012) a escola é parte integrante da sociedade, havendo uma influência conjunta entre essa instituição e a conjuntura socioeconômica vigente. É dessa forma que a relação de ensino e aprendizagem é desafiada constantemente pelas ideologias políticas direcionadas aos sistemas de ensino.

A geografia conversa continuamente com as mudanças que ocorrem em nossa sociedade e no mundo. O professor tem a responsabilidade de levar esse debate para dentro da classe, destacando a relevância desta ciência. Todavia, Castellar (2010) aponta que existem alguns obstáculos para a realização desta tarefa, sendo eles: formação precária, a alta carga horária de trabalho e o baixo salário.

Quanto a Educação Ambiental, esta aparece no contexto das preocupações ambientais que emergiram no mundo todo com os movimentos ecológicos da década 1960. Custódio e Aóki (2014) apontam que EA foi discutida por esses movimentos a partir de uma visão futurista, como uma alternativa de alcançar o desenvolvimento sustentável, garantindo para as futuras gerações a existência de ecossistemas saudáveis.

No Brasil, o movimento ecológico internacional é sentido de forma mais efetiva nos anos de 1980, quando a gestão ambiental passa a ser discutida pelos governantes, da qual a Educação Ambiental também passa a ser considerada. Contudo, é apenas em 1999 que surge a Lei 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental estabelecendo a obrigatoriedade da Educação Ambiental em todos os níveis de ensino formal da educação brasileira.

De acordo com Jacobi (2005) a educação ambiental é um desafio que exige o diálogo e a interação permanente dos atores que constroem o cotidiano escolar, sendo o educador um agente fundamental como um difusor da educação ambiental no cotidiano escolar.

Com isso, algumas questões foram elaboradas, sendo de suma importância para a construção teórica-metodológica da pesquisa: Quais as características do espaço na escola Manuel Lima Soares? De que forma a Educação ambiental é tratada atualmente no contexto escolar? Qual a percepção do docente de geografia e discentes em relação a Educação Ambiental? Essas questões se tornaram de extrema relevância para nortear a construção teórica e metodológica da pesquisa.

A escola Manuel Lima Soares foi escolhida pela curiosidade de comprovar que uma instituição de ensino pública localizada na periferia de uma grande cidade também apresenta dificuldades em trabalhar temáticas tão importantes debatidas atualmente, como é o caso das questões ambientais. Além disso, a grande disponibilidade do núcleo gestor da escola, juntamente com o professor de geografia em nos ajudar com essa pesquisa foi outro fator importante para tal escolha.

O espaço da escola é extremamente vasto, porém foi notório observar que faltava uma reforma para aperfeiçoar o local. É preciso melhorar as condições de lazer e de ensino no prédio da instituição. Os materiais existentes voltados para o ensino não eram o bastante para os professores e nem para os discentes. Por se tratar de uma grande escola e que atende estudantes carentes de vários bairros, era de extrema importância uma melhoria em sua estrutura física, pois certamente isso também melhoraria o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem.

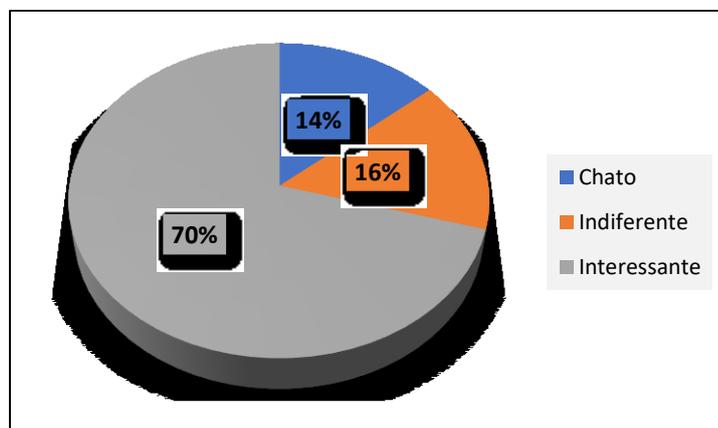
No que diz respeito a educação ambiental, certificou-se que a escola não possui nenhum projeto ou programa que seja efetivamente voltado para a temática. Embora o Projeto Político Pedagógico da escola aponte para o desenvolvimento de um projeto de cunho ecológico, e que o professor de geografia afirme não ter nenhum problema em relação ao desenvolvimento de temáticas voltadas para a questão ambiental.

A gestão pedagógica juntamente com o professor de geografia argumentaram que a educação ambiental é de extrema importância, sobretudo na atual conjuntura em que vivemos, e que embora não exista nenhum projeto relacionado a temática, a escola apresenta um potencial, pois possui um amplo espaço, o próprio professor demonstra não haver problema com o tema e que discute a temática durante a passagem de conteúdo contidos no livro didático, principalmente sobre as questões da desertificação, paisagem e energias renováveis.

Não houve regência durante este estágio, todavia foi feito um questionário com perguntas sobre o que eles acham das questões ambientais estarem ocupando cada vez mais

espaço na sociedade. O questionário mostrou que 70% acham interessante, 16% ficam indiferente em relação a isso e 14% consideram assunto chato, ver gráfico 1.

Gráfico 1 - Questionário



Fonte: elaborado pela autora

Com intuito de averiguar o grau de conscientização dos estudantes em relação as questões ambientais, foi feita a seguinte pergunta “O que você faz para preservar o meio ambiente?”. A tabela a seguir expõe a variedade de respostas relatadas.

Tabela 1 – Ações

Ações apontadas pelos alunos	%
Não joga lixo na rua	62%
Não desperdiça água	12%
Protejo os animais	8%
Cuido das plantas	4%
Não fazem nada ou não responderam	14%

Fonte: elaborado pela autora

A maioria das respostas descritas pelos alunos foram atreladas a questão do lixo, tais como: “não joga lixo no chão”, “joga lixo no cesto”, “não joga lixo na rua para evitar o mosquito da dengue”, um total de 62% das respostas foram nessa perspectiva. Outras respostas foram ligadas a questão de não desperdiçar água (12%), muitos ressaltaram o fato da água ser um bem necessário para sobrevivência humana. Alguns também apontaram a necessidade de proteger os seres vivos, como as plantas (4%) e os animais (8%). Um total de 14% não respondeu à pergunta ou afirmaram que não faz nada a respeito.

Os discentes consideram a temática interessante e percebem em sua maioria que o tema Educação Ambiental não é abordado de maneira efetiva pela escola. Os que notam alguma forma de programa ou atividade relacionada a EA atrelam principalmente a questão da coleta do lixo a prevenção contra a dengue. A maioria dos estudantes apontaram que nunca participaram de atividades ou projetos relacionados a temática.

Portanto, atualmente a Educação Ambiental é relacionada apenas a um esforço que a escola faz em relação a conscientização dos estudantes sobre a necessidade de colocar o lixo nos locais adequados para que não acarrete problemas maiores como os relacionados a dengue.

Espera-se que a escola tire do papel o projeto de cunho ecológico que é previsto no seu Projeto Político Pedagógico, para que haja essa conscientização ambiental, que é importante não apenas para os alunos, mas para toda a comunidade escolar.

4.2 Estágio Supervisionado II

O segundo Estágio foi realizado na Escola Quality, localizado no bairro Nova Metrópole, no município de Caucaia. A professora de estágio supervisionado II apresentou alguns modelos de educação voltada para determinados grupos, e então foi escolhida a modalidade de educação inclusiva, com foco em deficiência visual. Para tal pesquisa, utilizamos a cartografia tátil.

Figura 1 – Mapa tátil da África



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Figura 2 – Alunos interagindo com o mapa tátil



Fonte: Imagem autoral (2019).

O objetivo desta pesquisa foi entender a importância do estágio enquanto pesquisa ao propor uma proposta de intervenção, em conjunto com o docente de Geografia, ao qual teve como modalidade a educação inclusiva de deficientes visuais. Assim levantam-se algumas questões primordiais para compreensão desta pesquisa: A escola tem proporcionado um espaço escolar inclusivo? A metodologia de ensino utilizada pelo docente de geografia em sala de aula é efetiva e inclusiva? A cartografia tátil é uma ferramenta importante para o ensino de Geografia para inclusão?

A questão da inclusão no ensino é um dos maiores desafios da educação nos dias atuais. Na maioria das escolas públicas brasileiras a falta de uma estrutura que colabore para um bom desenvolvimento do ensino ainda é uma realidade, dificultando ainda mais o trabalho dos professores e o aprendizado daqueles que possuem algum tipo de deficiência.

Antunes (2008) reitera que a educação inclusiva é um novo modelo educacional, distinto da educação tradicional, sobretudo por refletir que as pessoas podem ser diferentes, e que a principal preocupação do ensino inclusivo, é demonstrar que o saber intelectual não é superior ao criativo, emocional, estético e o espiritual.

O ensino de geografia direcionado para o aluno com deficiência visual, é de grande relevância, considerando as relações socioespaciais que acontecem em nossa sociedade e no mundo, o ensino geográfico é crucial para entender as relações críticas em que estamos inseridos. Custódio e Nogueira (2013) ressaltam que a cartografia é uma ferramenta essencial para se entender com mais clareza a realidade espacial por meio do uso de mapas

A educação inclusiva para deficientes visuais é imprescindível, principalmente na geografia que tem por categoria de análise principal o espaço geográfico, segundo Cavalcanti (2010, p.4):

A ciência geográfica é um desses campos e se dedica a compreender a espacialidade dos fenômenos, elegendo como categoria principal de análise o espaço geográfico, produto histórico e social, além de outras também consideradas elementares, como lugar, território e paisagem.

O espaço geográfico sendo um produto histórico e social demonstra características singulares como o “lugar”, “território” e “paisagem” ao quais devemos explicar para os alunos enquanto seres espaciais. A inclusão de deficientes visuais na apropriação de tais conceitos geográficos requer atividades características as suas demandas, reforçando o discurso igualitário tão proposto pela universidade, escola e pelo próprio país na aprovação de suas leis sobre educação inclusiva e especial.

Assim, devemos salientar a importância do estágio supervisionado como pesquisa, pois todo professor é um pesquisador em si mesmo. Tomando por base a premissa do professor-pesquisador podemos inferir que as situações de ensino-aprendizagem requerem constantes pesquisa, informação, socialização e contextualização de saberes, assim todo professor deve ser um agente da pesquisa para total proveito de sua docência.

Os cursos de graduação oferecem subsídios teórico-práticos para o cumprimento das funções profissionais de acordo com o conhecimento de cada área, porém, para além disso, é primordial apresentar atividades que promovam a reflexão crítica do ponto de vista do conhecimento científico, mas, também, de seu contexto de formação e atuação. Nesse sentido é importante compreendermos as atividades do estágio enquanto pesquisa, de forma que tais atividades exigem coleta de dados, análises e discussões.

O saber geográfico proporciona em cada indivíduo uma compreensão espacial da sua realidade. Ao longo do tempo a cartografia foi uma ferramenta utilizada pelo ser humano no desenvolvimento deste conhecimento. Segundo Loch (2008) desde os tempos primitivos, representações semelhantes a mapas indicando ambientes de convivência humana foram elaborados em couros de animais, cavernas e blocos de argilas.

Com o desenvolvimento da ciência, novas tecnologias surgiram para satisfazer a necessidades de cada sociedade, sendo a cartografia aprimorada e difundida. Atualmente as informações geográficas estão presentes em celulares, carros, livros e demais veículos de comunicação, deslocamento e de literatura. Entretanto, apesar dessa disseminação, uma parcela

da população que possui deficiência visual (parcial ou total) ainda são marginalizados do conhecimento cartográfico, inclusive nas escolas, instituição que a priori deve condicionar um processo de socialização sem nenhum tipo de exclusão.

Nas questões de acessibilidade a escola tem banheiros com corrimãos e pias baixas, mas para a mobilidade o prédio não há rampas, assim dificultando acessibilidade e mobilidade no interior da escola. Diante da dificuldade o porteiro da escola ajuda com alguns alunos com mais dificuldade de se movimentarem, segundo Carmo e Sena (2010)

Como sentido unificador de toda a atividade sensorial, a visão contribui predominantemente para a informação e formação dos indivíduos, o que ocasiona sérias desvantagens para as pessoas com deficiência visual. Contudo, o grau desta desvantagem pode ser contínua e consideravelmente atenuado se, na educação, na reabilitação e na formação profissional forem aplicadas técnicas adequadas, se forem convenientemente explorados e implementados os recursos didáticos e tecnológicos apropriados e se forem adotadas medidas sociais justas para compensação da deficiência. (CARMO; SENA, 2010, p.1)

No momento presente, a educação brasileira não atende por completo as atividades inclusivas, tanto na geografia como em outras áreas que compõem o currículo escolar. Campo(2016) nos diz que a falta de ferramentas e os problemas em trabalhar com a cartografia faz parte do contexto de muitos geógrafos do Brasil. Na perspectiva jurídica, apenas no ano de 1999 que o decreto 3.298, que regulamenta a Lei nº 7.853/89, definiu a Política Nacional para Integração de indivíduos com deficiência, determinando que a educação inclusiva deve fazer parte de forma integral em todos os níveis de ensino.

Durante o decorrer da disciplina, foi visto que a escola não se preocupou em atender as necessidades da aluna com deficiência visual, uma vez que, não se via nenhum esforço por parte da escola, como também da professora de geografia para suprir as carências de tal aluna. Com relação as atividades realizadas em sala, apesar de contemplar sobretudo a aluna com D.V. além de facilitar a visualização dos alunos sem deficiência, serviu de conscientização para estes, de se colocarem no lugar da colega deles.

4.2.1 A professora

A professora formou-se na UECE em 2010, sendo bacharel em Geografia, e isso pode ser a principal influência de sua metodologia, pois segundo ela não havia disciplinas de estágio da maneira que as universidades oferecem hoje, também devido ela ser bacharel não teve contato com cadeiras focadas a didática, pedagogia e relações de ensino-aprendizagem. A

docente ministrou grande parte de sua carreira no ensino infantil, tendo migrado há dois anos para o ensino fundamental II.

A metodologia utilizada pela professora em sala de aula corresponde a uma metodologia tradicional pautada na oralidade e na utilização da lousa para dialogar com os alunos através de tópicos importantes do conteúdo, onde prevalecem a explicação e o pouco debate entre os alunos, sem qualquer utilização do recurso multimídia, no entanto suas explicações, segundo os alunos, são boas, porém percebe-se que os alunos se desfocam com facilidade dependendo da forma de interação no processo de ensino-aprendizagem. Quando conversado sobre a questão da inclusão, a professora relatou sobre as dificuldades no espaço escolar, destacando que a questão inclusiva não é demérita somente da escola em si, mas de todo o sistema escolar envolvido neste processo, considerando que a formação do universitário enquanto professor para inclusão é nula, afinal ela afirma que não teve qualquer cadeira voltada para inclusão de deficientes.

Para Silva e Arruda (2014) ainda é difícil encontrar um profissional que esteja apto para desenvolver estratégias de ensino e avaliação que possam incluir os mais diversos estudantes (com ou sem deficiência). Estes discentes precisam de profissionais que saibam trabalhar com a sua realidade e isso requer da escola atual uma maior capacitação de seus recursos humanos e de seus materiais.

Sousa e Sousa (2016) e Santos e Mendonça (2015) constataam que no Brasil ainda é preciso políticas públicas que incentivem um aprimoramento continuado em relação a educação especial por parte dos professores; uma habilitação completa de todos os membros que atuam nas instituições de ensino para receber de maneira eficaz e acolhedora este público.

No âmbito da geografia, o presente trabalho mostrou a que a utilização de mapas táteis é uma ferramenta útil de ensino e inclusão de alunos que apresentam deficiências relacionadas a visão. A partir do estágio supervisionado extrai-se grandes lições para a docência, as quais podemos considerar a preparação para os diversos desafios em sala de aula em prol de um ambiente inclusivo. Procurar desenvolver recursos, além do livro didático, e metodologias, além da tradicional, é essencial no processo de ensino-aprendizagem e na aproximação da Geografia ao universo do aluno, assim trazendo as vivências dos discente para a sala de aula ao ressignificar tais experiências.

4.3 Estágio Supervisionado III

O estágio supervisionado III foi realizado na escola Escola EMTI Professor Joaquim Francisco de Sousa Filho, está localizada na rua Joaquim Marques, no bairro Presidente Kennedy Fortaleza – CE. A escola nasceu na modalidade de Tempo Integral no ano de 2015; no entanto, a mesma foi inaugurada como escola regular em 2008, vindo a funcionar em 2009 no bairro Presidente Kennedy com a denominação de Escola Municipal Professor Joaquim Francisco de Sousa Filho em homenagem ao Professor da rede municipal de Fortaleza que teve sua vida interrompida em um trágico acidente de moto no dia 11 de agosto de 1990.

O estágio foi desempenhado no contexto da crise sanitária de covid-19, ou seja, além dos fatores já conhecidos, que a educação brasileira sofria e posteriormente a pandemia voltou a sofrer com uma estrutura escolar precária no modo de ensino presencial, conheceu-se novos desafios com a crise sanitária, tanto os professores como os alunos, foram obrigados a aprender a utilizar ferramentas, que para muitos até então eram desconhecidas, a exemplo do Google Meet, Google forms, gravação de aulas e etc.

A pandemia trouxe um afastamento físico da relação docente-aluno, mas aproximou virtualmente, pois o professor passou a responder esses alunos e pais em momentos fora do horário habitual de trabalho, sendo um dos motivos que fez com que o professor trabalhasse muito mais. Em 2020 por conta da pandemia a escola criou para cada série um grupo no WhatsApp onde estavam sendo repassadas as atividades pedagógicas.

Durante as aulas de observação e observação-participativa, foi observado a baixa frequência por parte dos alunos, esse baixo índice de frequência nos trouxe uma questão, qual seria o motivo pelo qual esses alunos estavam faltando as aulas? Foi elencado diversos motivos, tais como: a impossibilidade de acessar essas aulas pela falta dos meios necessários para tal, a dificuldade de acessar essas aulas fazem com que os alunos fiquem desencorajados a participar, pois sabe-se da dificuldade até mesmo para adultos em participar do Ensino Remoto Emergencial, as crianças tem certa dificuldade em se concentrar por muito tempo na frente de uma tela de celular para assistir as aulas. Percebe-se então, não mais uma estrutura física precária, mas sim uma inclusão digital precária.

No 6º e no 7º foi observado que a maioria dos estudantes assistia suas aulas pelo telefone celular de seus pais, não tendo uma estrutura mais adequada para se estudar. Apesar das dificuldades, foi percebido que os alunos que estavam presentes durante as aulas eram bastante participativos, a professora também estimulava os alunos a participar das aulas, pedindo para que alguns alunos lessem algum slide, ou pedia para explicar tal leitura feita por

eles, ou ainda fazia perguntas para que eles respondessem, tornando a aula mais dinâmica e participativa.

Com o intuito de tornar a regência uma prática inovadora dessa Geografia Escolar e até certo ponto lúdica, foi escolhida a utilização de recursos filmicos, de forma condizente aos objetivos propostos e de forma reflexiva e crítica. Durante o período de estágio, buscou-se instigar a criticidade por meio dos filmes, sobretudo quanto a geografia da população. Trabalhar conteúdos geográficos relacionados ao cinema é de grande importância para a construção do conhecimento pelo educando. Em meio ao mundo onde os meios de comunicação, com ênfases em recursos áudio visuais, estão presentes no cotidiano da sociedade, o cinema torna-se um importante instrumento que dialoga a realidade (ou parte dela), e quando utilizados pela ação pedagógica aguçam o senso crítico do aluno, em escalas que vão desde o local ao global.

Com relação ao cinema, os filmes são ferramentas capaz de auxiliar o professor, sendo um mecanismo didático para atrair os discentes. O filme a ser escolhido, deve ter conexão com o assunto a ser tratado em sala. O assunto trabalhado nas turmas de 7º ano era sobre a geografia da população, com ênfase as teorias populacionais, por conta disso, foi escolhido o filme “Os Vingadores – Guerra Infinita”.

Figura 3 - Os Vingadores – Guerra Infinita



Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-218265/fotos/>

O filme faz uma ligação com a Teoria Malthusiana, pois Malthus defendia que a queda da taxa de mortalidade, consequência dos avanços da Revolução Industrial, e a alta taxa de natalidade, criaria uma praga biológica: causando o desequilíbrio do ecossistema, os recursos naturais acabariam e a raça humana morreria de fome. A mesma ideia exposta pelo Vilão do filme, o titã louco, Thanos.

Além da relação feita com o filme e as teorias populacionais, houve também aulas de revisão, portanto foi abordado diversos assuntos na qual a professora-supervisora mandou uma lista com os assuntos que deveriam ser tratados durante essas aulas de revisão, pelo grande número de conteúdos a serem revistos, foi feito um compilado de slides retirados do site <https://pt.slideshare.net/> para que se obtivesse um entendimento mais claro acerca dos assuntos abordados durante a aula, além de slides feitos pela própria estagiária-docente.

Para a fundamentação desse trabalho de estágio foi escolhido o capítulo “Todas as escolas deveriam ser escolas de artes” do livro *Pense como um artista...e tenha uma vida mais criativa e produtiva*. Analisando a frase inicial do capítulo deste livro, podemos pensar na forma em que o autor formulou sua crítica, o autor observa as diferenças entre o ensino básico e o ensino superior, no qual, segundo ele, aprendeu “como pensar” e não “no que pensar”. Fazendo uma crítica tanto a metodologia de ensino como ao currículo escolar.

Considerando a evolução das tecnologia e a rapidez do modo de vida em que vivemos hoje, com ferramentas que vem aprimorando cada vez mais nosso tempo, o que se vê ainda na maioria das escolas é a repetição de bases antigas para uma nova geração, não que tais bases sejam completamente ruins, todavia alguns modelos devem ser adaptados ou até mesmo excluídos, ou “anularemos”, parcialmente, um dos principais fatores humanos: “A criatividade”. A criatividade pode ser encontrada na era digital, no ensino onde se tem escolas com aulas online, gratuitas ou não, ferramentas que ajudam no aprendizado do aluno, seja por meio de vídeos, sites e a facilidade que isso proporcionou.

Esse acesso a matérias de difícil disponibilidade e também aos que anteriormente tinha um alto custo, foi um dos pontos mais importantes da era digital. Essa inovação abre portas para um ensino que não seja apenas presencial, o estar em uma sala de aula, apesar de também ter seu mérito.

Contudo, o que se vê é um ensino focado em um currículo que não considera a singularidade dos alunos. Pode-se analisar o artista Damien Hirst, é um dos mais bem sucedidos, porém, tinha notas medianas a ruins em “Artes” no ensino básico. Mas quando chegou na faculdade ele se tornou um dos artistas mais inovadores do mundo. A grande diferença está relacionada ao corpo estreito de conteúdos ensinados nas escolas.

O autor então, discorre sobre o desenvolvimento intelectual limitado pelo currículo, onde a escola tem a preocupação de abordar os feitos das grandes mentes do passado e como conseguiram ultrapassar os paradigmas previamente estabelecidos, contudo apenas a reprodução destes conhecimentos não possibilita a total compreensão do como estes grandes feitos foram alcançados.

Bob and Roberta Smith (2015) aponta que a criatividade significa “quebrar regras” e “descobrir coisas novas”, mas é um paradoxo, pois afinal a escola é um lugar de disciplina, entretanto podemos entender esse “quebrar regras” como não ficar totalmente vinculado em bases já firmadas, mas ter coragem de inovar. O sistema educacional foca muito no “erro” como algo a ser evitado, mas é exatamente pelo erro e tentativa que desconhecidos homens que marcaram seu nome na história e hoje são estudados e memorizados.

A escola é utilizada pelos idealizadores do sistema como um meio de preparar a grande massa, para obedecer e se encaixar em um padrão. A ideia do autor vai contra essa tendência que a classe dominante impõe, ele traz a ideia do diferente, de trabalhar as grandes mentes com suas singularidades, com uma abordagem mais crítica.

Bob and Roberta Smith(2015) incentiva a elevar o status da criatividade a partir de um professor que estimule o debate de conhecimento em uma construção coletiva. A arte na escola provém dos seus agentes, eles que trazem a poesia e a paixão para o conhecimento dando-lhe um significado. A escola deve ensinar os alunos a criticar e ser criticado, a fundamentar resiliência emocional com rigor intelectual. Talvez com a era digital e essa maior flexibilidade seja possível mesclar os conhecimentos basilares, mas também os interesses individuais dos alunos.

O ensino e a arte estão sempre interligados, afinal de contas, ensinar é uma arte. Quando usamos ferramentas que extrapola a base tradicional, podemos perceber múltiplas formas de impulsionar o processo de ensino-aprendizagem nas escolas. As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDCs) desempenharam, um papel de extrema importância, na função de mediação da prática de ensino-aprendizagem frente a impossibilidade do encontro presencial no âmbito educacional.

O cinema tem um grande potencial de ensino na Geografia, afinal a partir de imagens dinâmicas podemos ter a representação da paisagem, dos fenômenos geológicos, geopolítica, industrialização, urbanização e diversos temas da Geografia.

4.4 Estágio Supervisionado IV

O estágio IV foi realizado na escola EEM Eliezer de Freitas Guimarães, localizada na Rua 145, sn- Conjunto Nova Metrópole, Caucaia - CE, 61658-300. Esse estágio foi com certeza o mais emocionante de todos, pois além de ser a escola em que eu estudei no ensino médio, andar pelos corredores onde outrora eu era uma estudante na minha adolescência e então estava dividindo a sala dos professores com os meus antigos educadores, em diálogos de parceria, não mais a de professor e aluna, mas de companheiros de profissão, trocando experiências da vida docente. Além disso, eu tive o privilégio de realizar esta disciplina com o meu antigo professor de geografia, no qual foi uma grande inspiração para a escolha do meu curso, e hoje da minha profissão. O professor supervisor de geografia Kledir Ateneus dos Santos possui formação pela Universidade Federal do Ceará.

Foi uma experiência completamente diferente do que eu tinha visto, era um ensino pós pandemia, os alunos de segundo ano, pareciam os de primeiro ano, em suas relações, em sua prática, estavam acostumados com o ensino remoto emergencial, com as atividades sendo feitas através das ferramentas e plataformas digitais, e de certa forma, alguns trabalhos e provas ainda estavam sendo feitos por meio destes.

Os alunos ainda estavam se adaptando ao retorno das aulas presenciais, com certa dificuldade, estavam desacostumados a escrever do quadro, e até ao próprio convívio social, sabe-se que algumas pessoas não são muito sociáveis, entretanto, percebia-se que eles estavam com um ar de desconfiança, não se via um ambiente de socialização de grupos de amigos.

A regência se deu nos segundos e terceiros anos. Nos segundos anos por meio de aulas com slides, através do projetor em sala de aula, explicando todo o conteúdo a ser abordado durante aquele bimestre, após as várias regências e todo conteúdo que foi explicado, posteriormente foi realizado um jogo de perguntas colocadas no projetor, onde foi formada 3 equipes para responder perguntas sobre os assuntos que foram transmitidos em sala, na qual o professor supervisor utilizou o resultado como nota parcial.

Já nos terceiros anos, foi utilizado um jogo que durou muitas aulas, no início do jogo, cada aluno recebeu placas feitas de cartolina com itens, cada placa tinha-se um item, que ia de A à E. As perguntas feitas pela estagiaria foram retiradas do banco de perguntas do professor supervisor, essas perguntas contemplavam tudo que eles tinham visto durante todo o ensino médio, após os alunos colocarem suas respostas, a estagiaria analisava todos os itens das perguntas, e explicava o motivo daquele item ser correto ou errado. Isso se deu pelo fato do Exame Nacional do Ensino Médio estar se aproximando e seria benéfico para os alunos

revisarem todo o conteúdo abordado ao longo do ensino médio.

A ideia do jogo nos terceiros anos partiu do professor supervisor, na qual a estagiária aderiu com muito entusiasmo, pois no ensino médio, esse professor era um dos que eu mais admirava pela criatividade, por instigar a busca pelo conhecimento, a competitividade dos alunos, tornando a aula mais interessante e atrativa, através dos jogos.

No decorrer dos encontros com o professor da disciplina de estágio, através dos textos trazidos por este, e também da socialização das experiências vivenciadas nesse processo, foi destacado a importância da formação continuada de professores, essa formação é essencial para contribuir cada vez mais com as atividades pedagógicas empreendidas pelos docentes, e que ajuda no melhoramento de um maior entendimento por parte dos discentes, quer seja através das tecnologias da informação, ou por meio da gamificação, como foi utilizada nesta disciplina.

A formação continuada é um processo permanente de aprendizagem do professor, que é iniciado após a primeira formação do magistério, para facilitar o ensino dos estudantes. O professor deve estar sempre aperfeiçoando suas atividades pedagógicas para acompanhar essa nova geração de alunos, além de ser extremamente importante para a prevenção dos percalços da vida docente, que vai desde um projetor quebrado a uma crise sanitária pandêmica onde se foi obrigado aos professores a aprenderem a utilizar tais tecnologias. Em uma geração que nasceu na era digital, é necessário que o professor utilize destas ferramentas da tecnologia como uma grande aliada na educação.

Durante os Estágios foi possível ver na prática a realidade escolar em que estamos inseridos, e compreender com clareza o que os teóricos estudados nas disciplinas no decorrer do curso explanaram acerca do ambiente escolar, podendo também perceber a real condição das escolas, sobretudo nas públicas, como foi o caso da maioria das escolas em que pude estagiar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o ensino deve se adaptar a essa nova era da informação, na tentativa de melhorar o entendimento dos estudantes acerca dos conteúdos vistos em sala e também fora dela, através das tecnologias da informação, como também por meio de jogos que os estimulem para aprendizagem. Deve-se utilizar das mais variadas estratégias para ajudar os estudantes a compreender o mundo através do espaço e toda sua complexidade.

No contexto atual o preparo na formação do educador é de suma importância para o ensino de Geografia, pois é necessária uma constante renovação no ensino desta disciplina. A formação do licenciado em Geografia contribui para o desenvolvimento da criticidade do aluno, sendo um elo de ligação entre a realidade da vida dos discentes e o conteúdo a ser ensinado.

Atualmente verifica-se uma maior liberdade e participação em relação ao ensino de Geografia nas escolas com a construção do conhecimento com o aluno através de várias estratégias. Porém, ainda se mantém em algumas escolas com ensinamentos baseados nos modelos tradicionais, com caráter apenas informativo, com metodologias que ainda priorizam a memorização e que são dependentes do livro didático. Vesentini (2009) ressalta que o papel da escola tem se diferenciado do século passado, pois a mesma tem se relacionado cada vez mais com a cidadania.

A capacidade de participar, questionar, criar vem sendo um pouco mais valorizada nas instituições de ensino do que antes, tornando o ensino mais democrático e inclusivo. Assim, o aluno precisa ser considerado como parte ativa nesse processo de ensino e aprendizagem, em que participa e constrói seus conhecimentos juntamente com o professor, contribuindo, tanto para sua autonomia, como para o seu senso crítico, ao tratar de diversos assuntos. Para Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007), já era tempo de compreender a sala de aula não como um espaço de seleção de alunos, mas como um espaço que cria condições para o aprendizado individual e coletivo.

A aproximação de reflexões atreladas à pesquisa e ação aumenta as experiências, que podem auxiliar nas práticas pedagógicas e nas metodologias usadas pelos professores, contribuindo para a produção de conhecimento dos alunos, que conseguirão enxergar os conteúdos mais próximos de sua realidade, além de proporcionar uma renovação daquilo que é visto em sala.

Ao longo dos estágios supervisionados, destaca-se um progresso significativo na formação docente, marcado por uma sequência de experiências enriquecedoras e desafios inspiradores. Durante o Estágio Supervisionado I, na ambientação inicial ao contexto escolar,

consolidando os primeiros contatos com a dinâmica da sala de aula e a interação com os alunos.

No Estágio Supervisionado II, com uma maior maturidade a transição para uma participação, envolvendo-se no planejamento e regência de aulas, percebendo a interação direta com os alunos como uma oportunidade valiosa para aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos.

O Estágio Supervisionado III, realizado em meio à crise sanitária da COVID-19, revelou uma série de desafios singulares. Observou-se a necessidade de adaptação ao ensino remoto, destacando-se a precariedade da inclusão digital e as dificuldades enfrentadas por alunos e professores na transição para o ambiente virtual.

No Estágio Supervisionado IV, ao retornar à escola onde cursou o ensino médio, foi visto uma emocionante conexão com o passado. A participação ativa em atividades inovadoras, como jogos pedagógicos, evidenciou a necessidade de se adaptar a um ambiente pós-pandemia, percebendo as mudanças nas dinâmicas sociais e pedagógicas.

Ao refletir sobre toda essa trajetória, percebeu-se a importância da formação continuada para enfrentar os desafios contemporâneos. Constatou-se a necessidade de repensar as abordagens pedagógicas, aproveitando as tecnologias como aliadas e reconhecendo a diversidade de habilidades e interesses dos estudantes.

Em síntese, observou-se uma evolução consistente da educadora, da ambientação inicial à maestria na adaptação a contextos desafiadores. O uso contínuo do "observou-se" e "percebeu-se" reflete a constante reflexão e aprendizado ao longo dessa jornada formativa, proporcionando à educadora uma base sólida para sua carreira no universo educacional. Que essa experiência seja apenas o prólogo de uma história profissional marcada pela dedicação ao desenvolvimento educacional e pela busca contínua por inovação e aprimoramento.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. **Inclusão: o nascer de uma nova pedagogia**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.
- BUITONI, M. M. **Geografia: ensino fundamental/coordenação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 252 fls. (Coleção Explorando o Ensino; v. 22).
- CACETE, N. H. Formação do professor de Geografia: sobrepráticas de ensino e estágio supervisionado. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, v. 17, n. 2, p. 6, 2015.
- CALLAI, H. C. **Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia**. Goiânia: Editora Vieira, 2010 p.22
- CARMO, W. R.; SENA, C. G. **A Cartografia e a Inclusão de Pessoas com Deficiência Visual na Sala de Aula: construção e uso de mapas táteis no LEMADI1 – DG – USP**. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Geografia/cartografia/cartografia_inclusao.pdf. Acesso em: 5 jul. 2023.
- CASTELLAR, S. M. V. Educação geográfica: formação e didática. In: MORAIS, E. M. B; MORAES, L. B. de. **Formação de Professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia**. Goiás: editora Vieira, 2010, p.39-57.
- CUSTÓDIO, G. A.; NOGUEIRA, R. E. O aporte da cartografia tátil no ensino de conceitos cartográficos para alunos com deficiência visual. **Revista Brasileira de Cartografia. Florianópolis**, v.4, n.66, p. 757 – 772, 2013.
- CUSTÓDIO, R. A.; AOKI, Y.S. **Educação Ambiental e ensino da Geografia: desafios e perspectivas no município de Atalaia-PR. 2007 e 2008. 2004** Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_regina_aporecida_custodio.pdf. Acesso em: 19 dez. 2019.
- FRANT, L.M; MALDANER, M.B. **Estágio curricular supervisionado**. Ijuí: Ed. Unijuí, RG, 2010. (Coleção educação a distância. Série livro-texto).
- FREIRE, P. **Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 21 ed. São Paulo: Editora Olhod'água, 2009.
- JACOBI.P.R. Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 233-250, 2005.
- LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F. de; TOSCHI, M. S. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- LOCH, R. E.N. Cartografia tátil: mapas para deficientes visuais. **Portal da Cartografia**, Londrina, v.1, n.1, p. 35 - 58, 2008.

MOREIRA, R. **O que é Geografia**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PIMENTA, S.G; LIMA, S. L. **O estágio superando a separação entre a teoria e a prática**. Estágio e Docência: diferentes concepções. Et all. São Paulo: Cortez, 2005. p. 14-57.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio: diferentes concepções. In: PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2009. (p. 23-57)

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência: diferentes concepções**. 7. ed. São Paulo: [s.n.], 2012.

PONTUSCHKA, N. N. *et al.* A disciplina escolar e os currículos de Geografia. In: PONTUSCHKA, N. N. *et al.* (org.) **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T.; CACETE, N. H. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, R. A.; MENDONÇA, S. R. D. Universitários cegos: a visão dos alunos e a (falta de visão) dos professores. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v.13, n.04, p. 888 – 907, 2015.

SENA, C. R. G.; CARMO, W. R. Cartografia Tátil: o papel das tecnologias na Educação Inclusiva. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 99, p.102-123, 2018.

SILVA, A.P. M; ARRUDA, A. L. M. M. O Papel do Professor Diante da Inclusão Escolar. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 5, n. 1, 2014.

SMITH, Bob and Roberta. Todas as escolas deveriam ser escolas de artes. In: GOMPERTZ, W. **Pense como um artista: ...e tenha uma vida mais criativa e produtiva**. [S.l.]: Zahar, 2015

SOUSA, A. C. L. L.; SOUSA, I. S. A inclusão de alunos com deficiência visual no âmbito escolar. **Estação Científica**, Macapá, v. 6, n. 3, p. 41-50, 2016.

STRAFORINI, R. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2006.

VESENTINI, J. W. O ensino da Geografia na escola do século XXI. In: VESENTINI, J. W. **Repensando a Geografia escolar para o século XXI**. São Paulo: Plêiade, 2009, p. 69-113.